

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE035402

ALBERNAZ, Paulo Mangabeira. Como nasceu Campinas (1).
Correio Popular, Campinas 20 jul. 1974.

Como nasceu Campinas

Tive a honra e o erro de ser convidado por seu ilustre presidente, o prezado amigo Gilberto Vicente de Azevedo, para falar nesta festa com que o Lions comemora o segundo centenário de fundação de nossa gloriosa cidade.

A honra, está todo mundo compreendendo qual seja: fosse quem fosse o escolhido é óbvio que estava recebendo uma honra, e que honra! O erro, não o conhecem muitos dos que me estão a ouvir: é que não sou historiador, não me dedico a estudos de pesquisa histórica e peço humilde mais insistentemente a Deus a graça de evitar-me participar de questões polêmicas, e esta o é e não das menos acaloradas. Para uns, por exemplo, o Morgado de Mateus, governador da Capitania de São Paulo, foi estadista notável, cabendo-lhe a glória da fundação de algumas estrelas de primeira grandeza desse grande Brasil, assim Campinas, Piracicaba Botucatu e muitas outras. No opinar de outros o decantado homem de estado quando de retorno ao Reino apoderou-se e levou consigo até imagens e jóias pertencentes às igrejas de Deus.

Valha-me este Deus acolhedor e bondoso, evitando ver-me eu envolvido nesse turbilhão. Até porque — repito mais uma vez — os discordantes são historiadores de pulso e eu absolutamente não o sou, nem tenho, em tais assuntos, a menor autoridade.

Daí o erro do meu amigo, o prezado presidente Gilberto Vicente de Azevedo, que vai ter de arcar com a pesada responsabilidade de ter-me convidado para tão complexa tarefa, não tendo eu o direito de lh'a negar.

x x x

As cidades fundam-se? — isto é, são fundadas?

Há casos em que tal acontece, e assim se deu com Brasília, antes dela Belo Horizonte, antes desta Washington, cidades riscadas a tinta, em cima de pranchas, em plantas delineadas por engenheiros, tudo previamente estudado, calculado, decidido, tal como sucede com uma casa ou com um edifício qualquer.

Inúmeros são os casos, e estão em maioria, em que as cidades não foram, entretanto, nem fundadas, nem criadas: simplesmente foram se formando ao Deus dará; nasceram.

Teria, porém, sido sempre assim?

Não. Na antiguidade, nas priscas eras, as cidades eram mesmo fundadas.

Formavam-se grupos de pessoas, grupos que os gregos chamavam *fratrias*, os romanos *cúrias*.

Uma fratria era composta de trinta famílias e três fratrias formavam uma tribo. Atenas, por exemplo, compreendia, doze fratrias, portanto, trezentas e sessenta famílias.

Para existir uma cidade, era mister reunirem-se algumas tribos, todas do mesmo culto. O local destinado a ser transformado em cidade, era escolhido e vinha essa, então, a ser fundada.

"Não devemos imaginar as cidades antigas de acordo com as que costumamos ver nos dias de hoje" — declara a autoridade máxima nesses assuntos, o afamado historiógrafo Fustel de Coulanges, em sua obra clássica, publicada há mais de cem anos, "A Cidade Antiga".

Acrescenta ele: "Constroem-se algumas casas, e temos uma aldeia. Insensivelmente, o número de casas aumenta, e temos a cidade. Uma cidade, entre os antigos, não se formava com o tempo, pelo lento crescimento do número de homens e de construções. Fundava-se uma cidade de uma vez, inteiramente, em um só dia".

"Mas era necessário" — continua Fustel de Coulanges — "que a cidade fosse constituída

antes, o que era a obra mais difícil e ordinariamente a mais demorada. Uma vez que as famílias, as fratrias e as tribos concordavam em unir-se em adotar o mesmo culto, logo se fundava a cidade, para ser o santuário desse culto. Também a fundação de uma cidade sempre constituiu um ato religioso".

Lembremos o caso de Roma. Apesar de ter isso acontecido em plena época da lenda, há quase quatrocentos anos antes de Cristo, conhece-se perfeitamente até em suas minúcias, a cerimônia de sua fundação.

Rômulo, o fundador, criou um asilo, isto é, um recinto sagrado, no qual admitiu todos os que aparecessem, seguindo as normas dos tempos de então. Mas o asilo não era a cidade e não deixou de, ao cabo de certo tempo, cerrar suas portas aos que chegaram posteriormente.

Um dia, os diversos habitantes daquelas paragens saíram à escolha do local em que deveria ser fundada a cidade. Isto era feito de acordo com a decisão dos deuses. Rômulo apelou para eles e diz-se que estes indicaram o monte Palatino.

Marcado o dia da fundação, foi oferecido, antes de mais, um sacrifício, e depois teve início a cerimônia. Cada um dos presentes lançou sobre o local um punhado de terra de sua pátria, das regiões de onde provinham, pois que ninguém tinha o direito de abandonar sua terra, a terra dos seus antepassados.

Só então o fundador, empregando uma relha de cobre, tocou a charrua, puxada por um touro branco e uma vaca, também branca. Rômulo estava envolto em vestes sacerdotais, trazia a cabeça coberta, e, segurando a raibaca da charrua, dirigia-a entoando preces, enquanto os presentes, em silêncio o acompanhavam. Os torrões de terra, que saltavam para o lado de fora do risco, eram apanhados e jogados para o lado de dentro. Fora, era o estrangeiro. De vez em quando, o sulco era, de espaço em espaço, interrompido. Ali seriam as portas, pois a religião não permitia passar por cima do risco, sobre o qual, ulteriormente, subiram as muralhas.

Isso foi realizado com tal esplendor, que jamais foi esquecido. Gerações e gerações guardaram a lembrança da grande solenidade. Inúmeros escritores repetiram o teor das festividades e de tal sorte, que a data foi guardada até nossos dias. Corresponde o dia da fundação de Roma ao nosso 21 de abril, quando é festejada até hoje.

E, no entanto, tudo isso se passou, em grande parte, envolto na névoa da lenda!

x x x

As cidades de nosso tempo quase todas nascem, como disse Fustel de Coulanges: umas casas, mais casas, muitas casas — uma cidade.

Val para uns cinquenta anos, passávamos todos nós, a caminho de Piracicaba, por uma venda à beira da estrada, local onde haviam plantado em linha reta, alguns pés de eucalipto, já então bastante altos. Nos terrenos para o lado de dentro do caminho, havia, se tanto, cinco ou seis casas. Nasceu, depois, um povoado, e a seguir, foi surgindo uma cidadezinha. Todos que me ouvem a conhecem. Muitos dos presentes como que a viram nascer. Ninguém a fundou. Chama-se Nova Veneza e foi nossa, isto é, pertenceu a Campinas. Hoje é de Sumaré.

x x x

Quando algum viajor aporta, pela primeira vez, à nossa cidade, mal consegue em geral esconder seu espanto.

Hoje, então, a cidade metrópole deixa mais do que surpresos os viandantes. Até porque ela

logo estende ao estranho seu cartão-de-visita, aquele que apresenta as duas marcas a de *ontem* e a de *hoje*.

Está o cartão aqui perto. Elevando-se aos céus, de seus troncos seculares alteiam-se as copas dos dois maravilhosos jequitibás, a marca, o emblema, de *ontem*. A seu lado, cintilando de cima abaixo nos seus incontáveis espelhos, projeta-se, heráldico, o Palácio da Prefeitura — o nobre escudo de *hoje*. É algo de soberbo, de imponente. De único!

X X X

Uma floresta imensa e impenetrável existia onde está hoje localizada a nossa urbe. Árvores majestosas, imponentes, com troncos de vários metros de circunferência, existiam às centenas. Naquele massivo verde conglomerado, cerrado, unido, os colossos da flora brasileira dominavam. Era a cabriuva, o caxicaém, o guarantã, a sucupira, a rubra peroba, e tantos e tantos outros gigantes da floresta, índices pujantes da terra ubérrima. Mas, nas alturas, acima de tudo, projetava sua copa imensa e arredondada, dominando pela beleza, o jequitibá imponente, nosso emblema e nosso orgulho. Os troncos de cinco, oito metros de circunferência, suportavam, a quase quarenta metros de altura, a massa verde compacta das copas.

X X X

Um dia aquele homem de ferro que os indígenas haviam apelidado de "diabo velho" ou, melhor, no opinar de Teodoro Sampaio, o *tantasma* — o *Anhanguera*, Bartolomeu Bueno da Silva, rasgava como um tufão, como uma centelha, o caminho em demanda do ouro, em demanda dos Goiáses. Mas a picada, a vereda aberta a duras penas, viria a desaparecer quase de todo.

É em 1720, mais de dez anos depois, que o filho, o menino de doze anos que então o acompanhara, obtem do rei permissão para fazer o descobrimento das riquezas de Goiás. Só em junho de 1722 é que vem a partir, rasgando a mata, atravessando o Atibaia, o Jaguari, o Mogi Guaçu, o Pardo, o Sapucaí, e chegando ao Rio Grande. É este homem, um dos maiores se não o maior sertanista da época, quem abre os famosos *caminhos dos Guaiases*, partindo, na verdade, de Jundiá, e abrindo a vereda pelo chamado *mato grosso*, isto é, as florestas impenetráveis.

É procurado, um dia, o *Anhanguera*, o segundo, por Luiz Pedroso de Barros, criminoso condenado e foragido da Guerra dos Emboabas, para, mediante determinadas condições, fazer uma estrada, auxiliado pelos parentes, quero crer que ampliando as picadas abertas pelo grande explorador.

Assim ficou, pode dizer-se, definitiva, aquela via, designada pelo nome de *caminho dos Goiáses*.

A terra fecunda provocou a cobiça de toda espécie de homem. Do vale do Paraíba, de S. Paulo, até dos longínquos Goiáses, veio gente atraída pela feracidade inigualável das terras daquele bairro dos Campinhos do Mato Grosso. Mas o primeiro interessado de que há memória e prova foi um homem importante de S. Paulo. Requeria ele, em 1726, uma sesmaria no *caminho dos Goiáses*, no lugar chamado de "Campinhos", o qual está situado no meio do mato-grosso, para os lados de Mogi. Os campinhos eram em número de três, sendo o maior o do meio. Chamava-se o requerente Antônio da Cunha Abreu. O Capitão Antônio da Silva Caldeira Pimentel concedeu a sesmaria — uma légua de terra em quadra, fazendo pião no campinho maior. Isto a 7 de agosto do mesmo ano (1726).